

## REDES, SOCIEDADES E TERRITÓRIOS

**GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 32, n. 2, p. 519-520, mai./ago. 2007.**

O livro – *Redes, Sociedades e Territórios*, organizado por Leila Christina Dias e Rogério Leandro Lima da Silveira aborda o tema das redes, tanto do ponto de vista da ciência geográfica como também através de reflexões de pesquisadores de outras disciplinas, como é o caso da sociologia, da ciência política e da comunicação social.

No primeiro capítulo, intitulado “Os sentidos da rede: notas para discussão”, Leila Christina Dias retoma com propriedade este tema que há anos vem sendo objeto de pesquisa da autora. Resgatando o conceito de rede na obra do filósofo francês Saint-Simon, a autora tece relações entre as redes e a idéia de técnica, onde o projeto para tornar o território eficiente a partir da constituição das redes se torna elemento central, conferindo ao tema das redes de certa forma um caráter de determinismo tecnológico. No entanto a autora conclui que a relação entre rede e território é e deve ser pensada de forma muito mais complexa, pois necessariamente envolve o debate político e as ações sociais, constituindo-se assim numa noção operacional à análise do espaço geográfico contemporâneo, em suas múltiplas dimensões.

Ilse Scherer-Warren, no capítulo “Redes sociais: trajetórias e fronteiras” discorre sobre os estudos das redes sociais, enfatizando justamente as conexões em rede entre os atores políticos dos movimentos sociais e de identidade. A autora elabora um esquema analítico para o estudo da constituição das redes sociais contemporâneas à sociedade da informação, pautado nas suas dimensões de temporalidade, espacialidade e sociabilidade.

Uma análise sobre os movimentos migratórios é empreendida no capítulo “Redes e território: reflexões sobre a migração” de autoria de Gislene Aparecida dos Santos. Articulando a categoria território à noção de rede, a autora procura avaliar como o conceito de rede apresenta valor explicativo para a compreensão dos fenômenos atuais de migração internacional. Assim, considera-se a migração como uma forma de rede social, onde informações, pessoas e lugares são articulados, constituindo um suporte aos movimentos migratórios e também aos migrantes.

Tâmara Benakouche aborda a questão “Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico”. Defendendo a idéia de que sociedade e tecnologia não se opõem, a autora analisa três diferentes abordagens sociológicas atuais sobre a tecnologia, onde esta é pensada como sistema, como construção social e como rede, analisando e ponderando as vantagens e deficiências de cada uma das três abordagens. O intuito da autora reside em evidenciar a falaciosa oposição entre sociedade e tecnologia, e principalmente a inconsistência do termo impacto tecnológico, tendo em vista que tanto a tecnologia é um produto social como a sociedade atual não pode ser compreendida sem levarmos em conta a tecnologia.

O capítulo intitulado “Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH net” é fruto de reflexões desenvolvidas por Ana Maria Doimo, Maya Mitre e Rousiley Maia, onde as autoras tomam o exemplo da DH Net, Enciclopédia Digital de Direitos Humanos, que atua como um portal de informações e de articulação de *sites* de organizações não-governamentais (ONGs) engajadas na defesa pelos direitos humanos. As autoras defendem que esta rede possibilita fortalecer as alianças e a interação entre agentes que militam na defesa dos direitos humanos, dotando-os de maior visibilidade e possibilitando o desenvolvimento de uma dimensão comunicativa da política que esteja ao alcance de maior número de pessoas.

Rainer Randolph, no capítulo “Tecnologias de informação e comunicação, redes de computadores e transformações socioespaciais contemporâneas”, ensaia a compreensão das potenciais transformações que as redes técnicas de computadores (com destaque para a internet) promovem na vida social e na relação das pessoas com o espaço. Assim, e fazendo uso de conceituações de Henri Lefebvre, Randolph parte de hipóteses onde defende o surgimento de formas distintas

<sup>1</sup> DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. 260 p. ISBN 85-7578-081-6.

de percepção e concepção do espaço, que ocorrem justamente por intermédio e disseminação das tecnologias informáticas e redes de computadores na sociedade atual.

Vanda Ueda analisa a "Dinâmica do território em redes: implantação e difusão do telefone no Rio Grande do Sul", onde a autora investiga as práticas e estratégias de difusão da telefonia no território gaúcho. O conceito de rede é revisto de forma a demonstrar seu valor explicativo para a compreensão não só das difusões técnicas no espaço, mas em análises onde os fatores sociais, políticos e econômicos devem ser observados. É assim que a autora analisa as implicações geográficas da difusão das redes telefônicas no Rio Grande do Sul, no início da sua implantação, em 1882 na cidade de Pelotas, para anos mais tarde integrar também Porto Alegre e Rio Grande, as três principais cidades do estado. Reduzindo distâncias e tempos para a informação, a telefonia se instala no território gaúcho como uma modernidade que atende as demandas da atividade comercial realizada por grupos sociais dominantes.

No trabalho intitulado "Dinâmica territorial da rede telefônica em Santa Catarina: 1927 a 1960", André Luiz Santos reconstitui os aspectos geográficos do período de difusão da telefonia no estado catarinense. A instalação da nova tecnologia de comunicação se dá em 1927, com o intuito de fomentar as relações entre as cidades, que ainda eram pouco integradas, a partir da capital Florianópolis. É o litoral e o vale do Itajaí as primeiras porções do território catarinense que se integram através da rede telefônica, justamente onde as atividades econômicas estavam concentradas. Até 1960 a rede telefônica se expande de forma seletiva, deixando de atender metade dos municípios do estado. Voltada para a rentabilidade econômica, a implantação da rede telefônica em Santa Catarina se dá de forma territorialmente heterogênea, concentradora e excludente.

No capítulo de autoria de Ricardo Castillo e Leandro Trevisan, intitulado "Racionalidade e controle dos fluxos materiais no território brasileiro: o sistema de monitoramento de veículos por satélite no transporte rodoviário de carga" os autores analisam as estratégias de monitoramento dos fluxos rodoviários de cargas no território brasileiro. Descrevendo o aparato tecnológico atual que dá suporte para o controle dos movimentos – GPS, satélites, *softwares* e os respectivos serviços que estas tecnologias da informação garantem ao controle do transporte de cargas, os autores avaliam o modo como recentemente a logística revolucionou as estratégias de produção e circulação no território brasileiro, processo este que é controlado pelos agentes hegemônicos da economia.

O capítulo que finaliza o livro, "Complexo Agroindustrial, rede e território", é de autoria de Rogério Leandro Lima da Silveira. O autor articula o conceito de Complexo Agroindustrial (CAI) à noção de rede, defendendo que a idéia de rede serve como recurso analítico que oportuniza uma abordagem que contemple os nexos entre o CAI (conceito que tradicionalmente privilegia o aspecto setorial da produção) e o território, valorizando assim os aspectos geográficos da produção agroindustrial que, no trabalho, são empiricamente analisados a partir do exemplo da rede agroindustrial da produção do fumo no Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, região que abriga a maior concentração de indústrias deste setor no mundo.

Trazendo o estado da arte dos estudos sobre redes no Brasil, sob os pontos de vista da geografia e de outras ciências sociais, o livro constitui-se desta forma numa importante contribuição aos diferentes cientistas que se interessam por este tema sempre renovado e atual.

**MIRLEI FACHINI VICENTE PEREIRA**

(Aluno do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGCE, UNESP, *Campus* Rio Claro.  
E-mail: mirleipereira@yahoo.com.br)